

Enid Blyton

Os **CINCO**

NA PLANÍCIE MISTERIOSA

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

1. Nos estábulos	11
2. O Júlio, o David... e a Alex	21
3. O <i>Fungão</i>	31
4. Uma cama nos estábulos	41
5. A Zé arranja uma dor de cabeça!	51
6. Um dia estupendo	61
7. A Zé, o <i>Fungão</i> e a Liz	71
8. O <i>Fungão</i> faz uma promessa	81
9. O ferreiro conta uma história	91
10. As pistas do <i>Fungão</i>	101
11. Um bom plano	111
12. O pequeno caminho de ferro	121
13. Um barulho a meio da noite	131
14. Os nómadas não ficam satisfeitos	141
15. Uma noite extraordinária	151

16. A terrível neblina	159
17. Prisioneiras	169
18. A artimanha da Zé	179
19. O corajoso <i>Tim!</i>	189
20. Uma manhã muito emocionante	199
21. O fim da aventura	209

1. NOS ESTÁBULOS

— Já aqui estamos há uma semana e não tenho feito outra coisa senão aborrecer-me! — queixou-se a Zé.

— Que disparate! Tens-te divertido nos passeios a cavalo que damos e a trabalhar nos estábulos quando não saímos com os cavalos — fez notar a Ana.

— Estou-te a dizer, aborreço-me de morte aqui! — asseverou a Zé, ferozmente. — Eu lá hei de saber, não? E aquela miúda horrível, a Alexandra! Porque é que temos de a aturar?

— Ah, a Alex! — exclamou a Ana, dando uma gargalhada. — Sempre pensei que fosses descobrir muitas coisas em comum com uma rapariga como tu, que preferiria ser rapaz e tenta comportar-se como tal!

As duas primas estavam encostadas a um fardo de palha, a comer sanduíches. No campo em redor delas viam-se vários cavalos, muitos dos quais eram montados por ambas as raparigas, que também tratavam deles. A alguma distância ficava um edificio antigo, de construção irregular,

e junto à porta da entrada havia uma enorme tabuleta onde se lia:

Escola de Equitação do Capitão Johnson

A Ana e a Zé encontravam-se ali há uma semana, ao passo que o Júlio e o David tinham ido para um campo de férias com os restantes rapazes do seu colégio. A escola de equitação fora uma ideia da Ana. Adorava cavalos e ouvira tantas vezes as suas colegas contar como era divertido passar uns dias numa escola de equitação, que resolvera ir também.

A Zé não quisera ir com ela. Estava de mau humor porque os dois rapazes tinham ido para um sítio diferente, sem ela e a Ana. Para um campo de férias! A Zé teria adorado ir, mas não eram permitidas raparigas. O acampamento era só para os rapazes da escola do Júlio e do David.

— É uma patetice continuares zangada por não teres podido ir. Os rapazes também não nos querem de roda deles o tempo todo — argumentou a Ana.

A Zé, contudo, pensava de maneira diferente.

— Porque não? Sou capaz de fazer qualquer coisa que o David e o Júlio façam. Consigo trepar, pedalar quilómetros, caminhar tão depressa quanto eles, nadar. Sou capaz de vencer a uma porção de rapazes em muitas coisas.

— É precisamente o que a Alex diz! — fez notar a Ana, com uma gargalhada. — Olha, ali vem ela, a passos

largos, como é costume, com as mãos nos bolsos das calças de montar, assobiando como o rapaz das cavalariaças!

A Zé franziu o sobrolho. A Ana divertira-se muito ao ver o quanto a Alex e a Zé se tinham detestado logo à primeira vista, embora tivessem tantas coisas em comum. O verdadeiro nome da Zé era Maria José, mas apenas respondia quando a tratavam por Zé. O nome verdadeiro da Alex era Alexandra, mas também ela só respondia quando lhe chamavam Alex!

Tinha mais ou menos a mesma idade que a Zé e também usava o cabelo curto, só que não era encaracolado.

— É uma pena que o teu seja encaracolado. Tem um aspeto tão ameninado, não achas? — dissera ela à Zé, num tom cheio de compaixão.

— Não sejas parva! Há montes de rapazes que têm caracóis! — respondera-lhe a Zé, secamente.

O mais irritante era a Alex ser uma excelente cavaleira e já ter ganho todo o tipo de troféus. A Zé não se divertira nem um pouco durante aquela semana na escola de equitação, pois, por uma vez, fora suplantada por outra rapariga. Não suportava ver a Alex andar de um lado para o outro com um ar todo confiante, assobiando e fazendo tudo com grande competência e rapidez.

A Ana rira-se muitas vezes para si mesma, em especial quando as duas raparigas tinham metido na cabeça não se tratarem por Alex e Zé, mas sim usarem os seus nomes completos: Alexandra e Maria José! Isto fez com que nenhuma delas respondesse à outra, e o capitão Johnson,

o dono da escola de equitação — um homem grande e corpulento — irritou-se com ambas.

— Porque é que estão a comportar-se desta forma? Parecem duas meninas palermas! — ralhou ele certa manhã, ao ver os olhares mal-humorados que lançavam uma à outra durante o pequeno-almoço.

A Ana fartou-se de rir! Duas *meninas* palermas. Tanto uma como a outra tinham ficado furiosas com o capitão Johnson. O dono da escola de equitação inspirava um certo medo à Ana. Era uma pessoa impulsiva, direta e não tolerava disparates, mas era maravilhoso com os cavalos e adorava uma boa gargalhada. Ele e a mulher aceitavam tanto rapazes como raparigas durante as férias, e faziam-nos trabalhar arduamente, mas as crianças gostavam sempre muito da sua estada ali.

— Se não fosse pela Alex, terias achado esta semana espetacular — comentou a Ana, encostando-se ao fardo de palha. — Têm estado uns maravilhosos dias de abril, os cavalos são lindos e eu simpatizo muito com o capitão e com a senhora Johnson.

— Gostava que os rapazes aqui estivessem. Não tardariam a colocar a palerma da Alexandra no seu lugar. Já estou arrependida de ter vindo — resmungou a Zé.

— Bom, tu é que quiseste vir, ninguém te obrigou! — ripostou a Ana, bastante zangada. — Podias ter ficado no Casal Kirrin, com o teu pai e a tua mãe, mas escolheste vir para aqui comigo até os rapazes regressarem do acampamento. Não devias fazer tanto espalhafato se as coisas

não correm como tu querias. Lembra-te de que também me estragas as férias a mim!

— Desculpa, Ana. Estou a ser uma rabugenta, eu sei, mas tenho saudades dos rapazes. Só podemos estar com eles nas férias, e sem o Júlio e o David é tudo mais estranho. Só há uma coisa que me alegra aqui, que é...

— Não precisas de dizer, eu já sei o que é! Estás satisfeita por o *Tim* não querer nada com a Alex! — interrompeu-a a Ana, a rir-se.

— Com a Alexandra — corrigiu-a a Zé. De repente, esboçou um sorriso. — Sim, o *Tim* é que as sabe. Não a suporta. Anda cá, *Tim*, deixa essas tocas de coelho em paz e vem deitar-te aqui um bocadinho. Fartaste-te de correr esta manhã, quando saímos com os cavalos e meteste o nariz numa centena de luras. Vem para aqui descansar.

Com relutância, o *Tim* abandonou o buraco que estava a investigar e foi deitar-se ao lado da Ana e da Zé. Deu uma grande lambidela à sua dona, que logo lhe fez uma festa.

— Estávamos aqui a comentar, *Tim*, como és esperto por não te queres dar com aquela horrível Alexandra — afirmou a Zé.

Calou-se de repente, ao levar uma cotovelada da Ana. Uma sombra estendeu-se por cima delas ao mesmo tempo que uma pessoa contornava o enorme fardo de palha.

Era a Alexandra. Pelo seu ar carrancudo, era óbvio que escutara o comentário da Zé. Estendeu-lhe um envelope.

— Uma carta para ti, Maria José — anunciou ela, secamente. — Achei melhor trazer-ta, podia ser importante.

— Oh, obrigada, Alexandra — respondeu a Zé, aceitando o sobrescrito. Abriu-o, leu a carta e gemeu: — Olha para isso! É da minha mãe — disse ela, passando a folha de papel à Ana.

A Ana leu a carta:

— «Por favor, fica mais uma semana. O teu pai está adoentado. Beijinhos da mãe.»

— Que azar! — queixou-se a Zé, com o seu habitual olhar carrancudo. — Logo quando eu achava que iríamos para casa daqui a um dia ou dois e que os teus irmãos se juntariam a nós em Kirrin. Agora vamos ficar aqui enfiadas as duas sozinhas durante mais sei lá quanto tempo! Que se passará com o meu pai? Aposto que está apenas com uma dor de cabeça, ou coisa parecida, e não nos quer lá em casa a fazer barulho e a armar confusão.

— Podíamos ir para a *minha* casa. Isto se não te importares de andar a contornar sacos de cimento e baldes, por causa das obras que os meus pais mandaram fazer — sugeriu a Ana.

— Não. Eu sei que tu preferes ficar aqui com os cavalos. E, seja como for, os teus pais estão fora, só iríamos atrapalhar. Bolas, bolas, bolas! Agora vamos ter de passar mais uma semana sem os rapazes. Presumo que eles vão ficar no acampamento — referiu a Zé.

O capitão Johnson disse logo que as duas raparigas podiam ficar mais uma semana. Era possível que

tivessem de dormir numa tenda, ao ar livre, caso aparecessem mais crianças, mas certamente não se importariam com isso.

— Nem por sombras — respondeu a Zé. — Na verdade, até gostávamos de ficar por nossa conta, a Ana e eu. Temos o *Tim*, sabe? Portanto, desde que pudéssemos vir aqui tomar as refeições e fazer as tarefas que o capitão nos destinar, adorávamos ficar sozinhas.

A Ana sorriu para si mesma. O que a Zé queria realmente dizer era que gostava de ver a Alexandra o menos possível! Ainda assim, seria muito divertido acamparem ao ar livre, se o tempo o permitisse. O capitão Johnson podia emprestar-lhes uma tenda.

— Que azar, Maria José! — exclamou a Alex, que assistira à conversa. — Que grande azar! Bem sei que morres de tédio aqui. É uma pena que não gastes de cavalos. É uma pena que...

— Cala a boca! — ordenou-lhe a Zé, num tom zangado, abandonando em seguida a divisão.

O capitão Johnson lançou um olhar furioso à Alexandra, que se foi pôr à janela, assobiando e de mãos nos bolsos.

— Vocês as duas não têm emenda! Porque não se portam como deve ser? Sempre a imitarem os rapazes! Prefiro lidar com a Ana, mil vezes! — ralhou ele. — Levaste aquele fardo de palha para os estábulos?

— Sim — respondeu-lhe a Alexandra, sem se virar. Nessa altura, entrou um rapazinho a correr.

— Está ali um miúdo com um cavalo, um ruano com um ar sarnento. Pergunta se o capitão pode ajudá-lo. Parece que o cavalo tem qualquer coisa numa pata.

— Está bem, eu vou já — disse o capitão Johnson.

Saiu e a Ana foi com ele, pois não queria nada ficar sozinha com a Alex, que continuava zangada. Encontrou a Zé junto a um rapazinho e a um paciente cavalo ruano, com o pelo malhado de castanho e branco em muito mau estado.

— Que aconteceu ao teu cavalo? — perguntou o capitão Johnson, olhando para a pata do animal. — Terás de o deixar aqui, para eu tratar dele.

— Não vai poder ser. Amanhã partimos para a Planície Misteriosa — respondeu o rapazinho.

— Pois, mas *vai ter* de ser — insistiu o capitão Johnson. — O cavalo não está em condições de andar. A tua caravana não poderá seguir com as outras. O cavalo não conseguirá puxá-la. Farei queixa do teu pai à polícia, se tentarem obrigar este cavalo a trabalhar antes de estar curado.

— Oh, não faça isso! É que o meu pai disse que temos *mesmo* de seguir viagem amanhã — explicou o rapazito.

— Qual é a pressa? Não podem esperar um dia ou dois? A Planície Misteriosa não vai fugir! Não percebo porque é que querem tanto ir para lá. É um lugar ermo e solitário, sem uma única quinta ou casa num raio de quilómetros! — estranhou o capitão Johnson.

— Eu deixo cá o cavalo — decidiu o rapaz, afagando o focinho do ruano. Era óbvio que adorava aquele cavalo

pequeno e feio. — O meu pai vai zangar-se, mas as outras caravanas podem seguir viagem sem nós. Depois logo as alcançaremos.

Despediu-se do capitão com uma espécie de continência e abandonou o pátio. Era um rapazinho muito magro e moreno. O cavalo ficou pacientemente à espera do que se seguia.

— Levem-no para a cavalaria mais pequena — instruiu o capitão Johnson, virando-se para a Zé e para a Ana. — Daqui a pouco já irei tratar dele.

As raparigas conduziram o cavalo pelas rédeas.

— Planície Misteriosa! Que nome tão estranho! Os rapazes é que haveriam de gostar. Aposto que iriam logo querer explorá-la — referiu a Zé, entusiasmada.

— É verdade. Era tão bom que eles viessem para cá, mas a verdade é que até devem estar contentes por poderem ficar mais tempo no acampamento — admitiu a Ana. — Anda, cavalinho, o estábulo é já aqui!

As raparigas fecharam a porta da cocheira, e preparavam-se para abandonar a cavalaria quando o Guilherme, o rapaz que momentos antes fora chamar o capitão, lhes gritou:

— Ei, Zé, Ana! Chegou outra carta para vocês!

As duas primas correram logo para casa.

— Espero que o meu pai já esteja melhor e que possamos regressar a casa e juntarmo-nos aos rapazes! — aventou a Zé. Abriu o envelope às pressas, rasgando-o, e soltou um grito que fez a Ana pular de susto. — Olha, boas notícias! Os rapazes vêm para cá!

A Ana arrancou-lhe a carta das mãos e leu-a:

— «Amanhã estaremos aí com vocês. Acamparemos na rua, se não houver quarto para nós. Esperamos que tenham uma aventura emocionante à nossa espera! Júlio e David.»

— Eles vêm aí! Eles vêm aí! Agora é que nos vamos divertir! — exclamou a Ana, tão entusiasmada quanto a Zé.

— É uma pena não termos nenhuma aventura para lhes oferecer. Mas, olha, nunca se sabe! — disse a Zé.